

A mediação das memórias da Marquesa de Santos em seu antigo Solar em São Paulo

Julia Anversa¹

*The mediation of the memories of the Marquesa de Santos
in his old manor house in São Paulo*

A mediação das memórias da Marquesa de Santos em seu antigo Solar em São Paulo

O Solar da Marquesa de Santos é um imóvel de feições neoclássicas construído no século XIX a partir da união de outros dois sobrados² existentes no mesmo local, então às margens do Rio Tamanduateí, no centro da cidade de São Paulo. Sua documentação oficial remete a 1802, sendo possível que as construções anteriores datem de período mais remoto, segundo pesquisas documentais realizadas sobre o lugar³. Localizado em meio ao complexo tecido urbano da área central, marcada pela sobreposição de tempos⁴ em suas estruturas urbanas, usos e ocupações, no edifício atual também se fazem evidentes suas inúmeras adaptações de espaços, reformas e reconstruções desde o início de sua ocupação.

Servindo inicialmente como residência de famílias de elite durante os períodos colonial e imperial na cidade, entre as quais a da Marquesa de Santos de 1834 a 1867, o Solar também abrigou o Palácio Episcopal nas últimas décadas do século XIX e a loja da Companhia de Gás entre 1909 e 1965, quando a empresa foi municipalizada, assim como o edifício. Depois de mais de duas décadas destinado ao funcionamento interno dos órgãos de cultura e preservação do patrimônio da prefeitura, abriu ao público em 1992, como sede do Museu da Cidade de São Paulo.

Em sua missão institucional, o Museu da Cidade de São Paulo se propõe a preservar, pesquisar e comunicar a cidade⁵ por meio de seus diferentes acervos, incluindo o arquitetônico⁶, que compõe

¹ Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). <http://lattes.cnpq.br/0142151952427904> E-mail: julia.anversa@gmail.com

² Centro de Arqueologia de São Paulo, 1991.

³ O arquiteto Carlos Lemos cita em sua pesquisa documentos referentes ao terreno registrados nas últimas décadas do século XVIII. Carlos Lemos. A Casa da Marquesa de Santos em São Paulo. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (4), 7-14, 1968.

⁴ Benedito Lima de Toledo. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

⁵ Museu da Cidade de São Paulo, instituído por decreto em 1993, passou por inúmeras configurações ao longo do tempo, incorporando acervos e se reformulando de acordo com os conceitos da museologia e as noções de patrimônio nas sucessivas gestões municipais. Atualmente, define como sua missão “Gerar, sistematizar e socializar o (re) conhecimento sobre a cidade de São Paulo, fomentando a reflexão e a conscientização de seus habitantes e visitantes, visando a transformação e o desenvolvimento da sociedade.” Disponível em < <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/>> Acessado em: 26/10/2020.

⁶Atualmente o Museu da Cidade de São Paulo é constituído por uma rede de treze imóveis ou logradouros públicos, todos tombados por órgãos de preservação. São eles: Solar da Marquesa de Santos, Beco do Pinto, Casa da Imagem, Casa do Tatuapé, Casa do Caxingui, Casa do Butantã, Capela do Morumbi, Sítio Morrinhos, Sítio da Ressaca, Chácara Lane, Casa Modernista, Casa do Grito e Cripta Imperial.

uma de suas características mais marcantes. Composta por doze imóveis históricos que remontam ao século XVIII e um logradouro público vizinho ao Solar da Marquesa de Santos, tal coleção se encontra dispersa pelo centro expandido do município, configurando uma instituição polinucleada cujas ações visam, de maneira geral, reforçar o funcionamento em rede, ainda que encontrem dificuldades estruturais e, principalmente, na identificação de visitantes, como será levantado adiante.

Em sua missão institucional, o Museu da Cidade de São Paulo se propõe a preservar, pesquisar e comunicar a cidade⁷ por meio de seus diferentes acervos, incluindo o arquitetônico⁸, que compõe uma de suas características mais marcantes. Composta por doze imóveis históricos que remontam ao século XVIII e um logradouro público vizinho ao Solar da Marquesa de Santos, tal coleção se encontra dispersa pelo centro expandido do município, configurando uma instituição polinucleada cujas ações visam, de maneira geral, reforçar o funcionamento em rede, ainda que encontrem dificuldades estruturais e, principalmente, na identificação de visitantes, como será levantado adiante.

Em sua missão institucional, o Museu da Cidade de São Paulo se propõe a preservar, pesquisar e comunicar a cidade⁹ por meio de seus diferentes acervos, incluindo o arquitetônico¹⁰, que compõe uma de suas características mais marcantes. Composta por doze imóveis históricos que remontam ao século XVIII e um logradouro público vizinho ao Solar da Marquesa de Santos, tal coleção se encontra dispersa pelo centro expandido do município, configurando uma instituição polinucleada cujas ações visam, de maneira geral, reforçar o funcionamento em rede, ainda que encontrem dificuldades estruturais e, principalmente, na identificação de visitantes, como será levantado adiante.

Com relação ao edifício do Solar, é relevante notar que, mesmo diante das sucessivas formas de uso relatadas e do pertencimento a uma instituição mais abrangente, perpetuou-se nele o nome de sua antiga proprietária, a Marquesa de Santos em detrimento de outras pessoas que ali passaram, garantindo sua referência na cidade e grande parte das expectativas do público que o frequenta. Além disso, criou também a oportunidade de ser Domitila de Castro Canto e Melo uma das poucas mulheres listadas entre o patrimônio oficial reconhecido pelo Estado.

De acordo com Laurajane Smith, o patrimônio, por meio de seu “Discurso Autorizado”¹¹, comumente invisibiliza a existência das mulheres, seja por exercícios conscientes de afirmação das

⁷Museu da Cidade de São Paulo, instituído por decreto em 1993, passou por inúmeras configurações ao longo do tempo, incorporando acervos e se reformulando de acordo com os conceitos da museologia e as noções de patrimônio nas sucessivas gestões municipais. Atualmente, define como sua missão “Gerar, sistematizar e socializar o (re) conhecimento sobre a cidade de São Paulo, fomentando a reflexão e a conscientização de seus habitantes e visitantes, visando a transformação e o desenvolvimento da sociedade.” Disponível em < <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/>> Acessado em: 26/10/2020.

⁸Atualmente o Museu da Cidade de São Paulo é constituído por uma rede de treze imóveis ou logradouros públicos, todos tombados por órgãos de preservação. São eles: Solar da Marquesa de Santos, Beco do Pinto, Casa da Imagem, Casa do Tatuapé, Casa do Caxingui, Casa do Butantã, Capela do Morumbi, Sítio Morrinhos, Sítio da Ressaca, Chácara Lane, Casa Modernista, Casa do Grito e Cripta Imperial.

⁹Museu da Cidade de São Paulo, instituído por decreto em 1993, passou por inúmeras configurações ao longo do tempo, incorporando acervos e se reformulando de acordo com os conceitos da museologia e as noções de patrimônio nas sucessivas gestões municipais. Atualmente, define como sua missão “Gerar, sistematizar e socializar o (re) conhecimento sobre a cidade de São Paulo, fomentando a reflexão e a conscientização de seus habitantes e visitantes, visando a transformação e o desenvolvimento da sociedade.” Disponível em < <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/>> Acessado em: 26/10/2020.

¹⁰Atualmente o Museu da Cidade de São Paulo é constituído por uma rede de treze imóveis ou logradouros públicos, todos tombados por órgãos de preservação. São eles: Solar da Marquesa de Santos, Beco do Pinto, Casa da Imagem, Casa do Tatuapé, Casa do Caxingui, Casa do Butantã, Capela do Morumbi, Sítio Morrinhos, Sítio da Ressaca, Chácara Lane, Casa Modernista, Casa do Grito e Cripta Imperial.

¹¹ Laurajane Smith, *Heritage, Gender and Identity*. In: GRAHAM, Brian; HOWARD, Peter (eds.) *The Ashgate Research Companion on Heritage and Identity*. Nova York: Routledge, 2008.

personalidades masculinas entre as destacadas em suas narrativas, seja pelo silenciamento sobre as relações de gênero que o constroem e marcam as experiências sociais cotidianas assimiladas pela disciplina¹². Dessa forma, gera lacunas em relação à representatividade das seleções frente à variedade de identidades que formam a sociedade. Domitila tem, assim, uma posição distinta, assegurada nos privilégios de ser uma mulher branca e rica, pela menção a suas memórias desde a sociedade imperial, e consagradas enfim no nome do sobrado.

Biografias, artigos acadêmicos e outras fontes secundárias apontam a continuidade da circulação de suas histórias ao longo do tempo. Indicam também sua popularidade, assim como os atributos associados à sua personalidade, continuamente avaliada por diferentes juízos, entre hostilidades e elogios. Devido a sua presença na Corte Imperial por alguns anos, e o relacionamento com o Imperador, muitos olhares críticos foram dirigidos a ela já naquele período, alguns com intuito de desmoralizar Dom Pedro por parte de seus opositores¹³.

Outros aspectos de sua trajetória responsáveis por sua relativa permanência na história documentada se relacionam aos círculos em que foi influente, sendo associada a uma intensa vida social e política representada sobretudo pelas reuniões que promovia em sua residência¹⁴. Círculos aos quais pertencia sendo a única mulher entre as quinze pessoas mais ricas da cidade listadas em 1858 pelo Almanak da Província de São Paulo¹⁵.

No entanto, foi principalmente devido à fama alcançada nos romances televisivos que o público das últimas décadas conheceu versões da vida da Marquesa de Santos. Séries e novelas montadas por diferentes emissoras, além de filmes reproduzidos nas mesmas telas, exacerbaram o alcance de suas narrativas para um número grande pessoas. Em tais produções, os apelos visuais são convenientes para manter o interesse e fidelidade da audiência. As produções realizadas na TV, como um todo, propuseram com isso a exploração bastante sexualizada da história, e especialmente do papel de Domitila, para a qual se revezaram atrizes de destacada beleza, entre outros atributos.

Fora desses papéis, percebemos a dificuldade, em geral, de retratar a Marquesa inserida no contexto histórico de sua realidade social, entre a conformidade aos padrões e os eventuais desvios de sua trajetória. As subjetividades acessadas nas diversas narrativas influenciam a forma com que as pessoas levam adiante o conhecimento assimilado, e suas referências informam continuamente as construções de sentido no momento em que entram em contato com o patrimônio. É principalmente por meio delas que no dia a dia da instituição, educadoras e educadores dialogam com visitantes que procuram vestígios de passagem da Marquesa pela casa. Ouvir essas referências para, a partir delas, reler as histórias do Solar são trabalho diário para a equipe de educação patrimonial.

Ainda assim, nota-se no Museu certo apagamento da existência da Marquesa de Santos, tendo em vista seu errático aparecimento em exposições exibidas no local e a falta de objetos, textos ou outras formas de sinalização que remetam à personalidade que deu origem ao nome da casa. Não raro, para visitantes do Solar, essa falta culmina na frustração da expectativa de visita a uma casa museu montada em formato convencional, seguida de explicações, por parte do grupo do educativo, sobre o histórico e o propósito do funcionamento da sede de um museu de cidade no local.

Entretanto, segundo a compreensão de Maria de Lourdes Parreiras Horta, justamente quando uma casa adquire um “nome próprio”¹⁶ se torna um memorial dedicado à pessoa, modificando as relações que o público tem tanto com o continente, quanto com o que o preenche. A

¹² Anna Reading. Gender and the right to memory. *Media Development*, vol. 2; nº march, pp. 11-15, 2010.

¹³ Segundo um de seus biógrafos mais recentes. Ver Paulo Rezzutti. *Domitila: a verdadeira história da Marquesa de Santos*. São Paulo: Geração Editorial, 2012. 2012.

¹⁴ O historiador Paulo Cesar Garcez Marins esclarece que a vida social das mulheres de elite paulistas, à época, eram marcadas por recepções, bailes e outros eventos, demonstrando a não exclusividade dos eventos realizados pela Marquesa, ainda que a imagem dela tenha sido mais reforçada nesse aspecto. Ver Paulo César Garcez Marins. *Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1998.

¹⁵ Rezzutti, *op. cit.*, p. 239

¹⁶ Maria de Lourdes Parreiras Horta. *Mesa-redonda: A museologia e os museu-casa*. Anais do Primeiro Seminário sobre Museus-Casas, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997, p. 109.

institucionalização do lugar, assim, tem o poder de iluminar os recortes oficiais realizados no acervo, porém, como previsto para um espaço destinado ao usufruto e reflexão, acaba escapando ao museu o controle sobre os sentidos atribuídos por visitantes ao lugar. Nesse caso, incluem-se todos os elementos presentes em seus domínios, sejam eles museológicos ou apenas funcionais¹⁷, especialmente quando se conectam a figuras de destaque na história, pelos significados ampliados pelos mitos envoltos em seus percursos pessoais.

Horta lembra que o prazer – e no caso de visitantes do Solar, expectativa - de visitar uma casa museu, deriva das possibilidades de descobrir e penetrar no lado menos público de uma pessoa famosa, possibilitando, entre outros desfechos, compará-lo à sua própria intimidade. Quanto à Marquesa, não há necessariamente essa duplicidade, considerando que os limites entre sua “vida íntima” e o perfil público traçado já foram suficientemente desgastados através da circulação de suas memórias. Mesmo assim, a procura do público por suas marcas no espaço sugere a constante reinterpretação dos significados de suas heranças.

O reconhecimento pelo Museu dessa condição pode lhe imbuir uma nova responsabilidade, o de pautar a presença de Domitila, assim como de outras mulheres, na realidade do patrimônio, e da cidade. Dessa forma, visitantes se apropriariam das discussões propostas, e teriam maiores condições de reconstruir suas expectativas e mitos, uma missão importante para uma instituição que se propõe a debater questões trazidas pela sociedade. Por enquanto, essa incumbência tem sido abraçada majoritariamente pelo grupo de educadoras e educadores, atento às faltas e presenças das várias Marquesas por todo o espaço expositivo, e disposto a debatê-las com as pessoas que a procuram.

Esses exercícios compreendem mediações diversas, nas visitas e atividades oferecidas com regularidade pelo Educativo, entre as quais uma desenvolvida no durante a Jornada do Patrimônio, em agosto de 2019, relatada a seguir.

Atividade educativa “O Solar da Marquesa de Santos e a memória de Domitila”

O desenvolvimento da atividade foi focado na contribuição do público para, a partir de seus olhares e questionamentos, acessar as memórias relativas à construção e, principalmente, à sua mais conhecida moradora, que dá nome ao local. Dessa forma, esperava-se construir coletivamente a noção de patrimônio atribuída ao imóvel, que eternizou a morada de Domitila de Castro Canto e Melo na cidade.

Iniciou-se com um grupo de cerca de 15 pessoas, entre algumas que foram para participar especificamente do encontro e outras que se agruparam espontaneamente enquanto faziam sua visita, notando a movimentação que se gerava. Também contou-se com a participação de alguns dos voluntários que atuaram no equipamento durante o evento. Ao longo do encontro, algumas outras pessoas se juntaram ao grupo também, mas nem todas participaram de todos os momentos da atividade. Ao todo, considerando a educadora, o grupo foi majoritariamente feminino, pois somente três integrantes que participaram integralmente da atividade eram homens. Esse aspecto está em conformidade com os dados levantados pela pesquisa de perfil de público realizada na instituição, que demonstrou, em 2017, a predominância (58%) de visitantes do gênero feminino aos finais de semana no local.

A roda inicial para acolhimento e início da conversa foi seguida pelos questionamentos “você já esteve aqui antes?” e “o que você conhece sobre este lugar?”. A maior parte do público presente já havia estado antes no Museu, em ocasiões diferentes, e mesmo as que ainda não haviam ido anteriormente já tinham ouvido falar do lugar, com exceção de uma, que por ter realizado uma visita anterior ao acervo de fotografia, acreditava tratar-se da Casa da Imagem, localizada no imóvel ao lado. Dentre aquelas que já haviam ido, uma se recordava de haver feito uma visita mediada ao local, realizada provavelmente por grupo de turismo, em meados dos anos 1990, em ocasião de visita escolar ao centro de São Paulo. Entre suas recordações principais estavam o piso de madeira, que rangia, e também a lembrança da história contada sobre “relacionamentos amorosos proibidos” da Marquesa de Santos, que imprimiram atmosfera de mistério à recordação infantil resgatada.

¹⁷ *Ibid.*, p. 112.

A partir da fala desta participante, iniciou-se uma roda sobre o que cada uma das participantes trazia de referência sobre o nome daquele espaço. Recomeçaram aí as menções à proprietária mais famosa da casa, Domitila de Castro Canto e Melo, da qual toda a roda já tinha ouvido falar e carregava na memória alguns fatos sobre sua vida. Essencialmente, todo o grupo a conhecia por seu romance com D. Pedro I. Grande parte da história contada por participantes em relação a essa passagem de sua vida trazia referências às produções de grande circulação na televisão, que contaram esse período histórico de diversas maneiras.

O alcance de tais produções se evidenciava à medida que o público mencionava detalhes de cenas em que se recordavam principalmente dos nomes das atrizes que já haviam interpretado Domitila nas diversas montagens. Incluíam aspectos dos figurinos, das expressões e de outros integrantes do elenco, imprimindo aos personagens da história características e traços dos artistas que os interpretaram ao longo do tempo. Além da presença na televisão desde a década de 1970, produções teatrais e de literatura também fizeram corpo às representações, mas observou-se nesse grupo seu menor impacto em relação àquelas transmitidas nos grandes veículos de comunicação de massa, como as séries e novelas televisivas.

Coincidentemente, também como parte da programação da Jornada do Patrimônio, enquanto realizava-se a visita, acontecia no auditório do Museu a venda de romances relativos às biografias dos imperadores do Brasil, assim como o relançamento de livro relatando a descoberta das cartas íntimas trocadas entre Pedro I e Domitila. Antes da sessão de autógrafos, também havia ocorrido apresentação de um monólogo no mesmo local, em que a personagem da Marquesa de Santos relatava partes de sua trajetória ao público. Mais tarde, depois da nossa atividade, a mesma atriz voltaria a interpretar a Marquesa no cortejo realizado pela Secretaria da Cultura em comemoração à realização do evento, que contava ainda com outras personalidades de destaque encenadas na história da cidade.

Voltando às informações trocadas durante o início da visita educativa, por meio das diversas obras lembradas pelo público, todas as pessoas presentes sabiam de alguma forma do envolvimento de Domitila com o imperador, além da passagem de sua vida vivendo como parte da corte. No entanto, para uma parte da roda, ainda havia dúvidas sobre o lugar da casa que visitavam durante aquele período. Esclarecemos, a partir das dúvidas, sobre o período de ocupação da residência, já após sua volta do Rio de Janeiro, além de outros mitos relativos aos “locais de encontro” de amantes que envolvem ainda outros edifícios na cidade, como o Museu Paulista e a Casa do Grito, ambas construções localizadas no Parque da Independência, no bairro do Ipiranga. A partir da polêmica envolvendo a desmistificação dos lugares secretos de encontro, uma participante mencionou os atritos que a relação de Domitila com D. Pedro causou a outros personagens de nossa história política, como José Bonifácio, além da própria imperatriz, D. Leopoldina, da qual alguns integrantes do grupo tinham uma visão de pessoa triste e debilitada emocionalmente.

Em geral, a percepção do grupo era de pena por Leopoldina, uma personagem até mesmo nas novelas interpretada de forma frágil e passiva, e de certa culpabilização de D. Pedro I, por haver sido um monarca irresponsável em suas relações com mulheres ao longo de todo o tempo em que viveu no Brasil. Não se trata, portanto, de um personagem bem recordado pelos participantes. Nota-se, aqui, o posicionamento do grupo em relação a essa característica que é muitas vezes naturalizada no comportamento masculino, pois não houve argumentação em favor de suas atitudes. Ao contrário do que se convencionou aceitar, os homens e mulheres presentes ao encontro demonstraram ser críticos às posturas do imperador, e também pouco inquisidores em relação às mulheres que com ele se envolveram, evitando cair em marcações de gênero comumente perpetradas. Pode-se atribuir o observado à presença maior de mulheres no encontro, à faixa etária das pessoas presentes (majoritariamente entre 20 e 30 anos) e também a uma conquista de vozes feministas desconstruindo padrões e estereótipos constantes em nossa sociedade.

Ainda sobre Domitila, pessoas também se lembravam que ela havia sido casada com um militar. Esclareceu-se que ela havia sido casada duas vezes, em ambas com militares, primeiro com seu

parente, Felício, de quem se separou após uma série de agressões, e depois com Rafael Tobias de Aguiar, proeminente militar e político paulista, do partido liberal.

Houve um participante que mencionou que naquela casa ela também havia dado festas, e se lembrava desse dado por ter anteriormente visitado o casarão. Conforme as pessoas se lembram de dados sobre a vida de Domitila, pode-se questionar o quanto os fatos haviam sido romantizados para oferecimento ao grande público, e também por que ela havia ficado famosa em relação a outras cortesãs e mulheres que viveram durante o império em São Paulo. Debateu-se na atividade a corrente de acontecimentos e quanto isso mobilizou a população durante o período imperial e como essas informações e dados são veiculados até os dias de hoje, considerando principalmente que, quando se tratam de documentos e memórias de mulheres, a história ainda tem sido pouco documentada.

Não foram levantadas em princípio outras informações sobre a casa que não fossem atreladas à residência de Domitila. Assim, acabou-se focando em grande parte do que se sabe de sua trajetória pessoal, entendendo em que consistia seu papel e participação na vida da sociedade da época, por ser uma mulher rica mas, acima de tudo, envolvida com a elite política do país e do estado e que, dessa forma, galgou posições e poder econômico ao longo de sua história.

Depois das primeiras memórias espontâneas compartilhadas, assim como em outras atividades realizadas com visitantes no Solar da Marquesa de Santos, procura-se falar sobre o edifício. Com auxílio de algumas imagens, compartilharam-se neste caso alguns dos registros existentes a respeito da construção e assim foi elaborada de forma conjunta uma história que se inicia antes da moradia da Marquesa e prossegue até os dias de hoje, com o funcionamento do Museu da Cidade de São Paulo. Uma casa que acompanhou o desenvolvimento do centro da cidade e se tornou o último exemplar residencial urbano feito em taipa de pilão ainda no século XVIII.

Foi tratada a primeira documentação existente sobre a posse do endereço pelo Brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme, que, devido às suas indisposições com vizinhos e a municipalidade pelo uso da escadaria ao lado de sua propriedade, acabou dando seu nome ao ainda hoje reconhecido Beco do Pinto. Também discutiu-se o período de residência da Marquesa, no momento em que a cidade se transformava e convivia com novos edifícios, ocupações e também com os recém-chegados estudantes da Faculdade de Direito, que segundo relatos frequentaram a casa durante os eventos sociais. Em seguida a ela, instalou-se ali o palácio episcopal, quando a casa se tornou um local sagrado de residência dos arcebispos da paróquia da Sé, e depois novamente se secularizou para instalação da companhia de gás. Esta, a ocupante mais longínqua até hoje, simbolizou por sua vez a chegada de novas tecnologias à cidade que se expandia, e o abastecimento de uma metrópole cada vez maior e mais moderna ao longo do século XX.

No cotidiano do atendimento ao público no Museu, há vezes, em que visitantes ainda se lembram de haver visitado a loja de gás, assim como se recordam de sua disposição interna, mas nessa visita específica não houve nenhuma menção ao comércio. Pelo contrário, o público se surpreendeu com a trajetória do imóvel, não tendo pensado nas possibilidades de sobrevivência de um edifício histórico com mais de dois séculos de construção para além da conservação como parte de um acervo de museu. Tendo pontuado rapidamente sua “linha do tempo”, foi então discutido o motivo de todo o grupo, naquela ocasião, só saber de uma de suas ocupações. A partir desse questionamento, foram levantados os motivos pelos quais não só essa ocupação continua sendo a mais reconhecida pelo público, como também acaba dando nome à casa, privilegiando uma de suas histórias.

Houve uma visitante que mencionou o interesse pela fofoca, que caracterizaria a busca por histórias polêmicas e a consagração de um olhar julgador sobre as personagens da história. Outro comentário dizia respeito ao gosto por se aproximar de personagens famosos da história por meio de sua intimidade, pela curiosidade em conhecer a “vida normal” de alguém que se tornou excepcional por uma trajetória consagrada. Por isso o interesse nas casas que se tornaram museus, como alguns exemplares no Brasil e no mundo, que ainda reservam espaço ao guarda roupa, às estantes de livros e objetos pessoais, ao mobiliário dos cômodos privados, entre outros artefatos da vida cotidiana e comum.

Concordando com esta curiosidade sobre as privacidades, outra participante mencionou que, na comparação entre todas as histórias possíveis da casa, a mais interessante, portanto, seria a da mulher que foi também parceira romântica do imperador, que dá vazão à necessidade de conhecer sobre a vida íntima de uma personagem, contando ainda com a possibilidade de aprofundar em questões amorosas e sexuais, muitas vezes escamoteadas em outras casas museu. Dessa forma, a luxúria e o romance que despertam as memórias consagradas a Domitila seriam mais atrativas e ativariam muito mais a imaginação das pessoas do que um memorial a quaisquer outros assuntos que fossem pertinentes sobre a história do edifício. Nesse caso, entende-se que não só os detalhes do dia a dia de um tempo remoto, com as condições de vida familiar e privada de uma personalidade, levariam as pessoas a reconhecer a casa, mas sim os aspectos mais privados de uma mulher reconhecida por uma suposta vida sexualmente ativa, a qual não é possível mapear nem conhecer devidamente.

O grupo concordou que a vida sexual de uma pessoa conhecida por sua trajetória amorosa é marcada de formas diferentes de acordo com seu gênero. Assim, a uma mulher pesam mais os estereótipos e olhares reguladores, o que tornaria ainda mais complexa a desvinculação da casa à noção de intimidade construída para a Marquesa de Santos. Seus outros papéis, também estereotipados, como de “mulher à frente de seu tempo” reforçariam ainda a noção de patrimônio dessa única história.

A residência, com o passar do tempo, então, foi reacomodando as memórias de Domitila, juntamente com as camadas de histórias que circularam sobre a personagem desde o Império. E assim, para além dos 200 anos de histórias de mudanças de uso, adaptações, reformas e a quase completa descaracterização dos aspectos mais primitivos da residência da Marquesa de Santos, a casa tornou-se dela, mesmo que já não haja mais resquícios de sua ocupação para além das paredes de taipa.

Uma visitante questionou por qual motivo, considerando a onipresença da Marquesa nas memórias dos visitantes, optou-se pela constituição de um museu que não trate sobre ela. Tendo debatido o acervo, a falta de objetos que remetam à proprietária e a pertinência da sede do Museu da Cidade de São Paulo em um edifício central, mesmo assim o grupo entendeu que seria importante que, ainda que não fossem centralizadas na marquesa as atividades e exposições, sua referência deveria estar minimamente presente em alguma exposição ou comentário. Assim, além de aplacar a curiosidade de visitantes, poderia também discutir e desconstruir esse incômodo papel atribuído a ela.

A discussão inicial foi muito rica e levantou aspectos pertinentes, apesar do recorte muito específico do grupo, que em todos os momentos construía e desconstruía a memória que foi consagrada pelas histórias mais polêmicas e questionáveis acerca da Marquesa. Esse aspecto foi tratado espontaneamente por uma das visitantes na conversa final, o que demonstra ainda mais a especificidade das pessoas que acederam ao Museu para participar do evento.

Em seguida à atividade de abertura, o exercício proposto foi exploração livre dos espaços abertos à visita no Solar, de forma que cada participante pudesse caminhar, observar e também registrar onde encontrava vestígios da história da Marquesa de Santos na casa que dedicamos à sua memória. O tempo livre foi de cerca de 20 minutos, e em caso de dúvidas haveria disposição para perguntas, esclarecimentos, entre outros. No momento da atividade, três exposições ocupavam os espaços do museu: “Chacina da Luz”, com curadoria de Giselle Beiguelman; “Do cenário ao Museu”, realizada com acervo da instituição; e “Arqueologia Histórica no Solar da Marquesa”, com pesquisa e curadoria realizada pelo Centro de Arqueologia de São Paulo.

As pessoas foram voltando à roda aos poucos depois da visita e reuniram-se novamente para discutir os encontros e percepções. Houve uma participante que introduziu uma questão relevante não só à discussão do dia como ao patrimônio em si, pois relatou que durante sua exploração diversas vezes se perguntou o que dali seria original. Houve um curto debate sobre este conceito, uma vez que entende-se que a casa como se encontra atualmente é um vestígio que comporta várias épocas e transformações, de maneira que talvez a pergunta mais adequada fosse “original de que época?”.

Como a conversa e atividade como um todo levantava mais a memória da Marquesa e de sua trajetória, entende-se que ela buscava por resquícios “originais” de sua residência.

Assim como tratado pelas outras pessoas que participavam, as dúvidas em relação aos períodos de construção, modificação e restauro da casa não foram esclarecidas por material expositivo. Como houve anteriormente referência à taipa e à sobrevivência dessa técnica construtiva, algumas das participantes escolheram as janelas arqueológicas que evidenciam a técnica como vestígio da ocupação residencial buscada. No entanto, outros espaços e detalhes também foram trazidos, como os forros apainelados dos salões do primeiro andar, a pintura mural restaurada no salão que dá acesso ao corredor dos banheiros do museu, também no primeiro andar, a escadaria, as varandas e a banheira.

Tanto os painéis e a pintura estiveram associados ao luxo e bom gosto de uma mulher que havia passado pela corte e que, portanto, carregava refinamento e imprimia essa característica na decoração de sua casa. Os cuidados com a aparência, normalmente associados à feminilidade, estariam presentes no trabalho de carpintaria do teto, nos detalhes dourados de sua pintura e na escolha de cores e cenários bucólicos presentes na parede. No mesmo patamar dos cuidados pessoais se encontra a banheira, onde ela passaria alguns momentos de descanso e recomposição, ainda que aquele grupo de visitantes questionasse sua localização atual, embaixo da escada. As varandas estariam associadas por uma pessoa à sua vida social, à aparição nas festas e reuniões, em sua observação da vida da rua e à sua apresentação pública. Com relação a estes momentos, a participante também associou sua exibição à suposta boa aparência de Domitila, sempre arrumada e bem vestida no imaginário que trazia. A participante que no início lembrou os pisos de madeira mais uma vez relatou esse aspecto, assim como o ranger da estrutura sob os passos e movimentos

Imagem 1. Roda de conversa com o público durante a Jornada do Patrimônio 2019.



Autoria: Renato Mangueira, 2019.

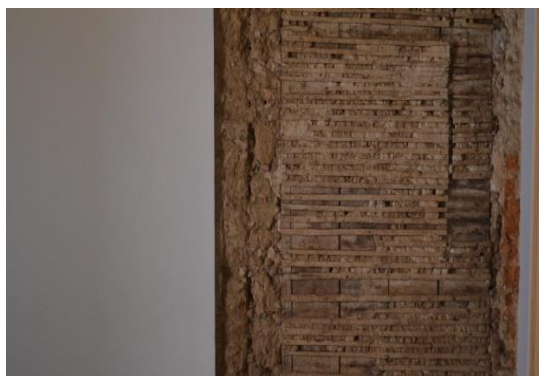
Imagem 2 e 3. Detalhes do Solar da Marquesa de Santos selecionados por participante da atividade.



Autoria: Rossana Kunz, 2019.

Imagem 4. Detalhe de janela arqueológica mantida aberta na parede do primeiro pavimento mencionada por participantes.

Imagem 5. Detalhe da fachada do Solar da Marquesa, com varandas mencionadas por participantes.



Acervo da autora.



Acervo da autora.

das pessoas pela casa. Outra ainda revelou que em todos os lugares, por mais que não tivesse provas materiais da passagem de Domitila, sentia sua presença e imaginava sua passagem com vestidos e joias esfuizantes, principalmente subindo as escadarias.

Nota-se que todos os pontos levantados advêm do imaginário de um cotidiano romanceado, inspirado em imagens circuladas nas mesmas ficções levantadas no início. Assim, a casa é um lugar de intimidade e privacidade que desperta a curiosidade, mas não houve nenhum comentário acerca do dia a dia doméstico comum, como o preparo e consumo de refeições, o sono, as tarefas realizadas por trabalhadores que também se inseriam no cotidiano. Sobre a vida da família, houve comentários sobre filhas e filhos, sua presença e os cuidados deixados provavelmente às trabalhadoras domésticas. Mas esses foram mais comentados pelas participantes a partir da percepção do tempo de vida que Domitila passou gestante e, assim, em como seu papel como uma mulher supostamente fora dos padrões também era atravessado pela maternidade, em comum a tantas outras mulheres.

A partir do aparecimento dos filhos, foi possível debater outras presenças diárias no casarão, principalmente de trabalhadores escravizados à época. Se foi mencionada, no início da atividade, a dificuldade em mapear dados relativos a mulheres pela falta de documentos e adoção de um ponto de vista neutro em questões de gênero ao trabalhar a história, chegamos a outro apagamento decorrente das inúmeras violências cometidas contra essas pessoas. Assim, é possível saber pelo testamento de Domitila a quantidade de trabalhadores escravizados que a ela serviam, mas sem quaisquer informações sequer dos nomes dessas pessoas. Os vestígios desse trabalho violento, invisível e, muitas vezes incômodo em momentos de discussão, não foram levantados e não estão presentes no imaginário comum sobre a casa como observado. Assim, trata-se de mais uma construção necessária, uma vez que o patrimônio pode também ajudar a completar essa lacuna.

Comentou-se sobre a questão das invisibilidades, tanto por questões de gênero como de raça e classe, nas histórias consagradas da cidade e de seu patrimônio. Outro material de apoio usado nesse momento foi o levantamento feito sobre patrimônios relativos a memórias de mulheres e uma reportagem recente de jornal que concluía que apenas 16% das vias da cidade de São Paulo possuíam nomes femininos, dos quais a maioria era associada à vida religiosa. Foi relatado como grupos de pessoas têm trabalhado mais recentemente para questionar esses padrões impostos e tratados com naturalidade, além de trazer mais a tona sujeitos apagados por não pertencerem aos grupos mais privilegiados. A discussão também caminhou sobre o papel do patrimônio nesses casos, com conservação da cultura material para além das grandes arquiteturas, valorização das histórias e saberes tradicionais, entre outros aspectos.

Em relação ao grupo formado na ocasião, como tratado, vários dos aspectos levantados foram de entendimento comum, principalmente nas críticas sobre os papéis estereotipados e nas desigualdades levantadas, tanto de gênero quanto por outros marcadores sociais associados ou não. Uma das participantes, jovem, no fim do encontro, mencionou esse aspecto e pontuou a necessidade de haver, por exemplo, pessoas “de fora da bolha” quando fazemos esse tipo de debate. Comentou que participa de diversos grupos de discussão sobre o papel das mulheres em seus ambientes de trabalho, mas que começou a sentir falta da presença de pessoas com pontos de vista distintos, principalmente porque a intenção é sempre desconstruir opressões e repensar relações sociais de forma a torná-las menos violentas. Outra participante, idosa, falou que sente que há um fortalecimento a partir de encontros do tipo, pois sai com outras ideias, questões e uma maior necessidade de falar sobre esse assunto.

O debate final sobre as referências encontradas durou cerca de trinta minutos, em que as pessoas debateram os achados durante o reconhecimento do Solar, assim como os assuntos decorrentes das impressões de cada uma. Como não é possível relacionar cada um dos vestígios à agência ou época de Domitila, a discussão levou ao ponto de entender de que maneira o patrimônio se constrói como um documento em si e como as pessoas também o preenchem de significados conforme os usos e apropriações. Nesse sentido, falar sobre a materialidade da casa e as referências culturais do grupo possibilitou o esclarecimento de que o patrimônio, assim como outros campos, também deve ser objeto de questionamentos para que suas desigualdades sejam cada vez mais desnaturalizadas.

Considerações Finais

Mesmo que atualmente o Museu da Cidade de São Paulo, ao ocupar o Solar da Marquesa de Santos como sua sede, opte por não mencionar a antiga proprietária que dá nome à casa em suas exposições, no cotidiano do espaço aberto à cidade, as pessoas se tornaram sensíveis à memória da antiga moradora. A experiência de atendimento às visitas demonstra sua atenção às características particulares da arquitetura, e seu interesse pelas histórias que nela se passaram antes da destinação cultural. Algumas das concepções populares são permeadas pelos mitos construídos sobre o passado da cidade e da personagem, que circulam há mais de um século em diversos meios de comunicação, como vimos. Consequentemente, buscam pistas da vida de Domitila nas estruturas existentes, como paredes, pinturas, varandas, entre outros detalhes que, no imaginário geral, estão de acordo com seus supostos gostos e hábitos.

Nada inserido no espaço, entretanto, fornece informações ou provoca questionamentos sobre esse olhar lançado pelo público, como legendas, painéis expositivos, entre outros, exceto pela pequena exposição dedicada às pesquisas arqueológicas realizadas nos anos 1980 e 2000, que busca apresentar informações sobre a trajetória da construção.

Na falta de tais estruturas, o suporte realizado pela equipe de educadoras e educadores se torna uma maneira decisiva para situar o público diante da complexidade dos projetos e acervos existentes, assim como para acolher suas dúvidas e, por vezes, insatisfações. O Serviço Educativo do Museu da Cidade foi iniciado ainda antes do funcionamento de sua sede, e tem uma equipe é constituída por profissionais de diversas áreas de formação, que atendem visitantes espontâneos por meio de

conversas provocadas no cotidiano do espaço e de atividades especiais oferecidas aos finais de semana como a relatada neste artigo, além de grupos agendados.

Considerando o potencial do patrimônio, e sua mediação, em construir histórias, diversificar narrativas, incluir olhares, tratar das heranças e memórias na formulação de novas práticas discursivas, a fim de promover diferenças sem retirar direitos, as iniciativas propõem novos olhares sobre o Solar da Marquesa e sua realidade. A partir delas, é possível problematizar a possibilidade de construir novas narrativas para o imóvel, a Marquesa de Santos e também para a presença das memórias de mulheres nos lugares que marcam as histórias da cidade.